

ALEXANDRE O'NEILL: LEITOR E DIVULGADOR DE JOÃO CABRAL EM PORTUGAL*

SOLANGE FIUZA**

Para Joana Meirim, agradecendo-lhe a generosidade

RESUMO

Na década de 1960, em Portugal, a poesia de João Cabral torna-se conhecida por um público leitor mais numeroso e sua recepção crítica amplia-se. Nesse processo, são de grande importância a publicação de *Quaderna* (1960) e dos *Poemas Escolhidos* (1963) e, posteriormente, a encenação, em Lisboa, Porto e Coimbra, de *Morte e Vida Severina* pelo grupo de Teatro da Universidade Católica de São Paulo, o TUCA. Também nos anos 1960, Cabral parece impactar outros poetas e criadores de interesse, sinalizando um caminho criativo exemplar. Considerando prioritariamente esse período, proponho acompanhar o papel de Alexandre O'Neill como leitor e difusor de João Cabral em Portugal.

PALAVRAS-CHAVE: João Cabral de Melo Neto. Alexandre O'Neill. Recepção portuguesa.

A publicação e distribuição de obras de um autor é condição fundamental no seu processo de circulação pública e reconhecimento pela crítica especializada. Nesse sentido, o sucesso junto a uma comunidade mais ampla de leitores e a consagração crítica de João Cabral de Melo Neto no Portugal dos anos 1960 devem consideravelmente à publicação do poeta por editoras do país. Vale dizer que, nesses anos, bem como nos dois ou três decênios anteriores, há um público leitor mais vasto de poesia brasileira em lugar de um grupo restrito formado por outros

* Texto apresentado originalmente e em primeira versão quando da edição de 2021 do Encontro Nacional do Grupo de Trabalho Teoria do Texto Poético/ANPOLL.

** Professora Titular da Universidade Federal de Goiás/UFG, Goiânia, Goiás, Brasil. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. E-mail: solfiuza@gmail.com. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-2458-8676>

poetas e críticos, como parece acontecer hoje com a recepção dos nossos poetas contemporâneos em Portugal. Justamente nessa década, deu-se a publicação de duas obras de Cabral por editoras lisboetas. Em 1960, veio a lume, pela Guimarães Editores, na coleção Poesia e Verdade, a edição *princeps* de *Quaderna*, obra que só seria publicada no Brasil, no ano seguinte, na reunião *Terceira Feira*. Em 1963, saiu pela Editora Portugália, na coleção Poetas de Hoje, a antologia *Poemas Escolhidos*.

Essas duas edições contaram com o protagonismo do também poeta Alexandre O'Neill (1924-1986). O'Neill, nascido em 1924, ligou-se, inicialmente, como Cabral, ao Surrealismo, tendo fundado, em 1948, com Mário Cesariny e outros, o Grupo Surrealista de Lisboa. Depois de uma dissidência, criação de um novo grupo por Cesariny e extinção de ambos os grupos, o Surrealismo marca presença, ainda que já incorporado a outros traços reconhecíveis do autor, no livro de poesia de estreia *Tempos de Fantasmas*, de 1948, e nos outros que lhe seguiram. No livro inaugural está o antológico poema "Um adeus português", que se tornou conhecido, sobretudo, por ter nascido da malfada história de amor do poeta com a búlgara de origem judaica e vinculada ao Surrealismo francês Nora Mitrani. Depois do livro de estreia, seguiram-se, até 1986, ano da morte do poeta, outros dez títulos, de que cito apenas o *Abandono Vigiado*, de 1960, por nele haver um poema em homenagem a João Cabral a que voltarei. A poesia de O'Neill, de cariz experimentalista, apresenta um olhar sobre Portugal e os portugueses mediado pela ironia e, não raro, pela sátira, distando-se, portanto, da proposta dos neorrealistas em sua heroicização da classe trabalhadora numa linguagem avessa ao formalismo das vanguardas.

Além de poeta não muito prolífero e de vários empregos tidos e havidos, O'Neill foi cronista, colunista do *Diário de Lisboa*, *A Capital* e *Jornal de Letras*, e redator de publicidade. Como publicitário, é autor de diversos *slogans* divertidos, alguns dos quais tendo se tornado proverbiais, como "Há mar e mar/ há ir e voltar", escrito em cartaz de advertência aos banhistas; ou "Vá de metro, Satanás", que era apenas uma brincadeira não publicável sobre o Metropolitano de Lisboa que quase lhe teria custado o

emprego, ou ainda “Com colchões Lusopuma você dá duas que parecem uma”, que não foi aproveitado¹. Mas se O’Neill tinha essa destreza das tiradas de humor, a escrita dos seus poemas lhe custava um trabalho artesanal. Como sustenta na última entrevista, publicada originalmente no jornal *Expresso*, de 1985: “É fazê-los, guardá-los e esquecê-los. Mais tarde volto a pegar neles, porque o mais difícil é saber se se aguentaram ou não. A gestação é rápida, faço um poema em dois ou três dias, e só depois do pousio faço as modificações, o tal ofício de marceneiro, para usar uma imagem gasta” (MEIRIM, 2021, p. 157).

Cabral diz ter conhecido pessoalmente O’Neill em casa de Sophia de Mello Breyner Andresen (ATHAYDE, 1998). O’Neill, em carta a Cabral de outubro 1959, conta-lhe ter chegado à sua poesia por meio de Adolfo Casais Monteiro, que lhe dera a ler um exemplar de *O Engenheiro*, de 1945². Na mesma carta, recorda também ter ouvido, posteriormente, na casa de Sophia, a leitura de *Morte e Vida Severina*, publicado na reunião *Duas Águas*, de 1956, mas não prestou “atenção de maior”, pois já conhecia o poema e “a reunião estava com o seu quê de artificial” (O’NEILLb, 1959). Mas é no processo de edição de *Quaderna* que se estreitam as relações entre os dois poetas.

QUADERNA E O’NEILL: DA EDIÇÃO À RECEPÇÃO

Em setembro de 1959, O’Neill, assistente literário da Guimarães Editores e contando, ao que parece, com um conhecimento extensivo da poesia cabralina publicada até então, escreve a Cabral dizendo ter indicado *Quaderna*, livro que parece ter sido recusado pela José Olympio, para a coleção Poesia e Verdade da Editora, inaugurando, com a publicação, a colaboração brasileira (O’NEILL, 1959a).

¹ Sobre a vida de Alexandre O’Neill, ver a biografia escrita por Maria Antónia de Oliveira (2007).

² O exemplar de Casais Monteiro que O’Neill diz ter lido se encontra hoje na biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, com a seguinte dedicatória: “A Adolfo Casais Monteiro, homenagem do João Cabral de Melo Neto, Rio, 1945”.

O'Neill augura para o livro uma exemplaridade benéfica à jovem poesia portuguesa, “que tanto precisa de ‘emagrecer’” e vê nele uma forma de difundir a literatura brasileira, “tão pouco lida em Portugal” (O'NEILL, 1959a).

Na sequência da mesma carta, sugere a Cabral que o volume se faça acompanhar de um pequeno vocabulário englobando alguns termos desconhecidos em Portugal e pergunta a opinião do autor sobre o artigo “João Cabral de Melo Neto, poesia e estilo”, de Eduardo Portela, tendo em vista a necessidade de um paratexto esclarecendo a sua poesia anterior. Nas palavras do português, “só eu e a Sofia Andresen, praticamente, é que temos *Duas Águas*”.

Malgrado diversas tentativas, consegui acessar, graças à generosidade de Maria Antónia de Oliveira, apenas uma carta de Cabral a O'Neill, datada de 5 de maio de 1962. Entretanto, na sequência daquelas do remetente português, seu destinatário parece não ter se mostrado favorável à inclusão de um estudo crítico sobre *Quaderna*, levando O'Neill a se justificar em outra missiva:

Nunca pensei, nem Maria Leonor, em incluir qualquer estudo crítico da sua poesia no livro. Pensei, sim, num folheto que, em caso de reconhecido interesse, se intercalaria em cada um dos exemplares. Mas acho melhor não o fazer, já que o livro se apresenta perfeitamente a si mesmo. Além disso, acho mais divertido não dar pistas à crítica portuguesa (que está muito senhora do seu nariz!) e ver como ela desembrulha este embrulho... (Perdoe o sadismo lisboeta) (O'NEILL, 1959b)³

Para o estabelecimento do vocabulário desconhecido do público português, O'Neill se valeu do *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, e também do glossário contido em *A Bagaceira*, de José Américo de Almeida. Nessas referências,

³ Na transcrição das cartas, atualizei a ortografia e padronizei destaques de título de obras e de poemas. O mais foi mantido conforme os originais.

entretanto, não encontrou termos como “capim Lucas” e “embaúba”, como também não localizou, no seu dicionário castelhano, “siguiriyas”, do qual indaga se não seria uma corruptela de “seguidillas”, tendo sido certamente esclarecido, em suas dúvidas, pelo próprio Cabral.

O’Neill alerta Cabral para, ao firmar o contrato, ter muito cuidado com o “ajustamento ortográfico”, levando em conta que escritores brasileiros têm caído “nas mãos de revisores cheios de complexos de superioridade (como todos os revisores, aliás!) e que entendem que eles é que sabem português” (O’NEILL, 1959b).

A edição portuguesa de *Quaderna* saiu com um magro glossário, contendo termos próprios do vocabulário do português brasileiro, mormente do Nordeste (“agraz”, “agreste”, “araponga”, “bucha”, “caatinga”, “capim Lucas”, “cupim”, “embaúba”, “litoral”, “mangue”, “mareiro”, “marema”, “mata”, “piçarra”, “puxada”, “sertão”), e o termo espanhol “siguriya”, não sendo acompanhado de estudo crítico algum, como parece ter sido a vontade do autor.

Seguramente, outros leitores portugueses, além de Sophia e O’Neill, possuíam exemplares de *Duas Águas*. A reunião de 1956 foi vendida em livrarias portuguesas e Cabral a enviou a confrades do país.

No mesmo ano da publicação, enviou o livro ao poeta portuense Alberto de Serpa, o qual, por sua vez, diz que já o havia namorado e folheado em uma livraria. A Serpa, Cabral diz que tinha consigo em Sevilha mais quatro ou cinco exemplares destinados a escritores de Portugal e pedelhe indicações. Na carta resposta, entretanto, o correspondente não lhe fornece nomes, mas faz um breve, elogioso e genérico comentário sobre a reunião: “Recebidas as *Duas Águas* que me deram a conhecer a voz mais alta da sua geração e me trouxeram uns dias maravilhado com tanta Poesia nova, diversa e profunda” (FIUZA, SARAIVA, 2022).

No espólio de João Gaspar Simões da Biblioteca Nacional de Portugal, há um exemplar, com dedicatória de Cabral datada de 1958, de *Duas Águas*, além de livros anteriores, como as primeiras edições dedicadas de *O Engenheiro*, *Psicologia da Composição com a Fábula de Anfion e Antiode* e *O Cão sem Plumaz*. Gaspar Simões, que já havia publicado, em 1950, um

artigo sobre esses livros no suplemento Letras e Artes do jornal carioca *A Manhã*, e conviveu com o poeta em Londres no início do decênio 1950, publica, por ocasião do lançamento de *Quaderna*, uma resenha sobre esse livro e *Duas Águas* no *Diário de Notícias*.

Também na biblioteca de Adolfo Casais Monteiro, hoje dividida entre a Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e a Biblioteca Nacional de Portugal, além de diversos outros títulos com dedicatória do autor, há um exemplar de *Duas Águas*.

Não é necessário alongar essa lista para comprovar que os conhecedores de *Duas Águas* em Portugal iam além de Sophia e O'Neill. Mas esses conhecedores constituíam um grupo restrito formado sobretudo por leitores especializados. É por isso que a publicação de *Quaderna* constitui um marco na difusão e recepção da poesia cabralina no país.

O próprio curador de *Quaderna* noticia, em carta a Cabral, o sucesso da edição: “O livro, como já tive ocasião de lhe dizer, está a ter boa procura e a ser muito falado, não só entre os oficiais do mesmo ofício, o que é bom sinal como reação do público.” (O'NEILL [1960a])

As palavras de O'Neill sobre o sucesso do livro são exatas. Arnaldo Saraiva (2014, p. 95), hoje professor emérito da Universidade do Porto, conta que, conhecendo três ou quatro poemas de Cabral, tomou consciência do que a sua poesia representava com o livro de 1960: “só me dei conta de que se tratava de um poeta de exceção quando, em 1960, calou na Faculdade Letras de Lisboa, pude ler *Quaderna*, que acabara de sair em primeira edição na capital portuguesa”.

Enquanto o então jovem estudante de Letras Arnaldo Saraiva descobriu a excepcionalidade da poesia cabralina, o conhecido crítico presencista João Gaspar Simões (1960, p. 15) publicou, como já mencionado, uma resenha no *Diário de Notícias*, de Lisboa, em que contempla *Quaderna* ao lado de *Tempo Espanhol*, de Murilo Mendes, saído em 1959 pela Editora Marais, na coleção Círculo de Poesia, e principia destacando o empreendimento editorial português que convida brasileiros para figurarem ao lado de portugueses no inventário da “moderna poesia nacional”.

Alexandre O’Neill dá notícias a Cabral de outras publicações sobre o livro:

Além de simples notícias da saída do livro, apareceu uma crítica (?) no *Diário Popular*, cujo recorte segue junto⁴. Outra publicação – o mensário *Almanaque* – transcreveu no seu último número o poema “*A palo seco*”, precedido de uma breve notícia sobre o Poeta e respectiva biografia. Não o tenho, neste momento, à mão, mas oportunamente enviar-lho-ei. (O’NEILL [1960a])

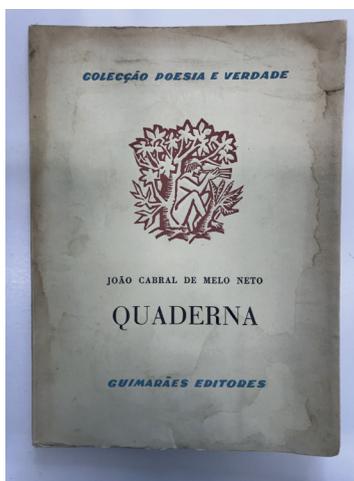
Nessa mesma carta, manda uma lista de poetas e, sobretudo, críticos, ligados a periódicos, que poderiam ser úteis na divulgação do livro:

- João Gaspar Simões: Ao cuidado do jornal *Diário de Notícias*, Avenida da Liberdade, nº 266 – Lisboa
- João José Cochofel: Ao cuidado da *Gazeta Musical e de Todas as Artes* Rua Nova da Trindade, 18-2ª Lisboa
- Álvaro Selega: Ao cuidado do jornal *Diário de Lisboa* Rua Luz Soriano 48 Lisboa
- Carlos Cunha: Ao cuidado do jornal *Diário Ilustrado* Rua da Misericórdia 137 – 1º LISBOA
- Alfredo Guisado: Aos cuidados do jornal *República* Rua da Misericórdia 116 – 1º LISBOA
- Guedes de Amorim: Ao cuidado do jornal *O Século* Rua do Século, 41 LISBOA
- Carlos de Oliveira: Ao cuidado da revista *EVA* Largo Trindade Coelho 9 – 2ª LISBOA
- Olavo d’Eça Leal: Ao cuidado do jornal *O Século* Rua do Século, 41 LISBOA
- Óscar Lopes: Ao cuidado do jornal *O Comércio do Porto* PORTO
- Jaime Brasil: Ao cuidado do jornal *O Primeiro de Janeiro* PORTO
- António Ramos Rosa: Rua Dr. Pereira de Sousa, 15 FARO/ PORTUGAL
- António Ramos de Almeida: Ao cuidado do *Jornal de Notícias*/ PORTO

⁴ O recorte não acompanha a carta no espólio de João Cabral no Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa.

- Leonardo Mathias: Ao cuidado de *Colóquio*/ Fundação Gulbenkian/ Avenida de Berna LISBOA
- José Cutileiro: Ao cuidado de *Almanaque*/ Grupo de Publicações Periódicas/ R. da Misericórdia 125 – 1º Dtº LISBOA
- David Mourão-Ferreira: Avenida Poeta Mistral, 2 – 6º Esq. LISBOA
- Padre Manuel Antunes: Ao cuidado da revista Brotéria/ Rua Maestro António Tabora, 14 LISBOA
- Mário Dionísio: Avenida Elias Garcia, 176 – 3º Dtº LISBOA
- Salete Tavares: Rua Marquesa de Alorna, 20 – 1º Dt LISBOA
- Natércia Freire: Ao cuidado do *Diário de Notícias*, Av. da Liberdade, 266-Lisboa (O'NEILL, [1960a])

Não tenho comprovação se Cabral enviou *Quaderna* a todos os indicados por O'Neill. Desses nomes, além de Gaspar Simões⁵, que publicou sobre o livro crítica já mencionada, também Carlos Cunha (1960) assina uma resenha saída no *Diário Ilustrado*.



Capa de *Quaderna* (1960)
Biblioteca Municipal Alexandre O'Neill, Constância, Portugal

⁵ O exemplar de Gaspar Simões, com a dedicatória, encontra-se na Biblioteca Municipal Pedro Fernandes Tomás, em Figueira da Foz.

A crítica especializada não foi a única receptora do livro de 1960. Rosa Maria Martelo, no artigo “O efeito João Cabral na poesia portuguesa”, evidencia como *Quaderna*, de João Cabral, e *Cantata*, de Carlos de Oliveira, ambos de 1960, anteciparam a virada da poesia portuguesa de 1961:

Os livros publicados por Carlos de Oliveira e João Cabral em 1960 corporizavam muito do que os poetas emergentes em 1961 tornariam progressivamente mais explícito em termos de poética: valores como a contenção lírica, a concreção e visualidade da imagem, o rigor construtivo, a metadiscursividade e, genericamente, o recurso a processos referenciais por exemplificação permitindo tratar o texto como amostra-de-mundo (em sentido goodmaniano), ou seja, como corpo metonímico, exemplificativo – no caso, exemplificativo da carência, do pouco, da pobreza, juntando assim num mesmo discurso as vertentes estética e ética, e mesmo a dimensão política. (MARTELO, 2018, p. 306)

Entre os poetas mais declaradamente impactados pela poesia cabralina em Portugal estão, sem dúvida, Alexandre O’Neill e Sophia de Mello Breyner Andresen.

No mesmo ano do lançamento de *Quaderna*, Sophia publicou um artigo na revista católica *Encontro* em que cita poemas desse livro e da reunião *Duas Águas*, especificamente de *Psicologia da Composição*, *Paisagens com Figuras*, e, sobretudo, de *Uma Faca só Lâmina*. A poeta havia conhecido Cabral e sua poesia pouco tempo antes, em 1958, numa viagem à Andaluzia em companhia do marido e de amigos, quando foi ciceroneada pelo diplomata brasileiro e ficou muito impactada com essa poesia, tendo lido poemas inéditos que saíam em *Quaderna* (ANDRESEN, 1999).

O artigo de Sophia, no qual, num tom elogioso, a autora cita, referencia e incorpora versos do poeta, são uma tentativa de formular em linguagem o “entusiasmo” e a “profunda admiração” despertados pelo encontro com a poesia cabralina. Esses sentimentos são confessados ao poeta em carta de agradecimento à acolhida em Sevilha e na qual antecipa atributos que serão evidenciados no artigo (ANDRESEN [1958]):

Tenho lido o seu livro com entusiasmo. Tenho lido devagar e desordenadamente, à minha maneira [...]

Você torceu o pescoço da eloquência e da retórica. O que fica é austero e nu. Lembro-me do Evangelho: “Procurai entrar pela porta estreita”. É uma poesia muito ascética como as paisagens de que você às vezes fala.

[...]

Admiro profundamente a sua poesia porque eu sei como é difícil não dizer coisas demais.

Essa profunda admiração é notável também no poema-livro *O Cristo Cigano*, publicado em 1961, escrito a partir de uma lenda que o poeta contara a ela quando da viagem a Sevilha e cuja principal referência leitora é o poema *Uma Faca Só Lâmina*.⁶

Durante a organização de *Quaderna*, o próprio Alexandre O’Neill envia a Cabral, junto a uma carta, o poema “Saudação a João Cabral de Melo Neto”, datado de 27 de agosto de 1959, e publicado, no mesmo ano de *Quaderna* e na mesma coleção da Guimarães Editores, no livro *Abandono Vigiado*. A composição é antecedida pela ressalva: “se tem o pecado de ser de factura apressada, é tão espontânea e tão de dentro que seria absurdo não a enviar a quem, afinal, se dirige” (O’NEILL, 1959a). Também aparece, na carta, exatamente como sairá em *Abandono Vigiado*:

SAUDAÇÃO A JOÃO CABRAL DE MELO NETO

João Cabral de Melo Neto,
Você não se pode imitar,
mas incita a ver mais de perto,
com mais atenção e vagar,
o que está como que em aberto,
ainda por vistoriar,
o que vive entre pedra e terra

⁶ Sobre a recepção de Cabral por Sophia, escrevi o artigo “Uma obsessão leitora: João Cabral de Melo Neto por Sophia de Mello Breyner Andresen”, publicado na revista *Remate de Males* (v.1, n. 39, 2019).

e o que é entre muro e cal,
o que tem “vocação de bagaço”
e o que resiste no osso ou no “aço
do osso”, mais essencial.

Tacteamos matéria pobre
com sua mão que nada encobre
e ouvimos assoviar
versos (sem pássaro) de cobre.

De prosaico há-de ser chamado
pelos do “estilo doutor”,
cabeleireiros da palavra,
pirotécnicos do estupor,
que dão tudo por uma ária
de alambicado tenor,
que encaixilham a dourado
morceaux choisis de orador,
mas de prosaico não foi chamado
o nosso Cesário Verde?
O lugar-comum se repete
aqui ou do outro lado...

Porém adoptemos prosaico
num sentido que ao bacharel
escapará, é matemático.
Prosaico mas não aquele
que em verso é incapaz de verso
por estar sempre a pôr em verso,
uma sorte de tradutor
para poesia
e às vezes até um guia
do político amador.
Exemplo: Pablo Neruda.
Prosaico, mas sem literatura,
sem o discursivo, sem a mistura
de panfleto, notícia, ladainha.

Prosaico: o não enfático,
o que não mente a si mesmo,
o que não escreve a esmo,
o que não quer ser simpático,
o que é a “*palo seco*”,
o que não toma por outro
mais fácil trajecto
quando está diante do pouco,
nem que seja um insecto.

Já se deixa ver que prosaico,
assim, mal definido,
não é uma atitude
que se arvore ou um laivo,
uma tinta de virtude:
é um modo de ser,
mesmo antes do verso,
mesmo fora do verso,
mesmo sem dizer.

Será neste sentido,
prosaico Melo Neto,
que no poema *O Rio*
cita Berceo: *Quiero*
que compongamos io e tú una prosa?
Será no mesmo sentido
de Pessoa-Alberto Caeiro
(outro prosaico, mas desiludido...)
“...escrevo a prosa dos meus versos
e fico contente”?

X

Quanto a mim, ainda o bonito
me põe nervoso, o meu canito
ainda tem plumas - e lindas!-
e o meu verso deita-se muito,

não sobre a terra, mas em samaúmas,
já com bastante falta de ar...

Ó Poeta,
não é motivo para não o saudar! (O'NEILL, 1959a)

Numa missiva de outubro de 1959, O'Neill narra a gênese dessa saudação:

O poema de saudação já foi um exagero, que é preciso desculpar com o entusiasmo que certa sua poesia me provocou! Eu explico: lida *Quaderna* apanhamos um tremendo choque, eu e um punhado de amigos fiéis. O que mais impressionou a todos foi a “aplicação”, a escassez de adjetivos, a ausência total de bonitos, a pobreza da rima, o seu meter-ombros oficial ao poema e o limpo curso de suas estrofes e também a sua geografia, se assim se pode dizer. Daí remontarmos todos às *Duas Águas*, que eu já conhecia e apreciava mas que não me dava ainda a perspectiva de *Quaderna*. José Paulo Moreira da Fonseca lera para mim, em casa de Sofia, no regresso de visita que lhe fizeram a Sevilha, a *Vida e Morte Severina*. Mas a reunião estava com o seu quê de artificial e eu, que já conhecia o poema, não prestei atenção de maior. O que eu gostava, de há muitos anos, era de *O Engenheiro*, que o Casais Monteiro, ainda em Portugal, me dera a ler [...] Li, depois, para minha mulher, durante umas boas duas horas, as *Duas Águas* e, saído dessa leitura, pus-me a escrever incontinentemente a “Saudação a J.C.M.N”. Você notará que há uma certa reprodução da sua maneira nesse poema, o que aliás nada me preocupa. De modo que, para resumir, prezado Melo Neto, se gerou um enorme interesse, um honesto interesse em torno de sua poesia aqui em Lisboa, um pequeno mas “remexido” grupo de amigos mais ou menos poetas e, o que é mais importante, decididos já de há muito a acabar com os cosméticos, as pomadas, as brilhantinas, na poesia portuguesa de hoje. Entre eles conta-se este seu grato amigo. Auguro, pois, para *Quaderna*, o maior sucesso e a exemplaridade mais benéfica aqui neste pasmado país de terrores... (O'NEILL, 1959b)

Se O'Neill escreveu a saudação após a leitura de *Duas Águas* para sua primeira mulher, Noémia Delgado, o poema, entretanto, tem também

no horizonte leitor versos de *Quaderna*, citados explicitamente entre aspas: “vocaç o de bagaço” (parte 9 de “Paisagens com cupim”), “aço do osso” (parte 9 de “Poemas da cabra”) e “estilo doutor” (“Cemitério pernambucano”). Para além disso, essa narrativa da g nese do poema é interessante como confissão do efeito da poesia de Cabral sobre ele próprio, O’Neill, organizador de *Quaderna* e autor da saudação. Também a “exemplaridade” e o “sucesso” do livro sobre a poesia portuguesa de então, augurados no fragmento da carta, parecem ter se concretizado, considerando o já mencionado artigo de Rosa Martelo que trata da relevância de *Quaderna* “para o quadro de mudana experimentado em Portugal   roda do ano de 1961” (MARTELO, 2018, p. 316).

A considerar a data de escrita e mesmo de publicao, o poema de O’Neill constitui a primeira recepo crítica de *Quaderna* em Portugal, uma recepo que antecede a publicao do livro.

A dimensão crítica da saudao pode ser mensurada pela sua escolha, entre diversos poemas de homenagem a Cabral em Portugal, para abrir o volume especial da *Colóquio/Letras* dedicado ao poeta em 2020, de que participaram críticos de referência do Brasil, como Benedito Nunes, Antonio Carlos Secchin, João Alexandre Barbosa e Luiz Costa Lima, e de Portugal, entre os quais Rosa Maria Martelo, Joana Matos Frias e Abel Barros Baptista. A escolha desse poema revela, pois, não apenas a preferência dos editores por ele no acervo de poemas portugueses consagrados a Cabral, mas também o coloca no mesmo nível ensaístico dos textos críticos que compõem o dossiê.

O poema-ensaio, cujo objeto de análise é a poesia de João Cabral,   maneira das saudaes poéticas, tem como destinao esse mesmo objeto, sobre o qual declara: “Você não se pode imitar”. A declarao   curiosa considerando que a negativa recai sobre um procedimento que está na base da formao de todo poeta novo: a “imitao”. A razão dessa declarao pode ser compreendida quando se acompanha o poema.

Se Cabral não é um poeta que possa ser imitado, ele, entretanto, em contrapartida, é o que instiga “a ver mais de perto”. A ideia da poesia cabralina como aquela que, a partir de *O Cão sem Plumas*, em lugar da

machine à émouvoir de *O Engenheiro*, quer-se uma máquina de dar a ver a realidade é cara a Cabral e à sua crítica. Essa realidade é particularizada nos versos seguintes da saudação por meio de seus viventes, que, simultaneamente, são espoliados, com “vocaçào de bagaço”, e resistentes (“o que resiste”).

Central na descrição e constituindo o argumento de leitura do poema é o adjetivo “prosaico”, que comparece na terceira estrofe e com o qual O’Neill profetiza que Cabral será chamado pelos de “estilo doutor”, ou seja, pelos que, entendendo poesia como sinônimo de ornamentos retóricos, só verão prosa no “verso de cobre” do poeta, verso que dá a ver, na sua própria pobreza retórica, na sua secura, a “matéria pobre”, que nele encontramos representada.

Na sequência, o saudador busca um pai para Cabral na tradição poética portuguesa: Cesário Verde. O autor de “Num bairro moderno”, anteriormente mal compreendido pelos seus contemporâneos e assim visto por também ter representado a realidade quotidiana sem véus de retórica, numa linguagem corrente e comum, é convocado estrategicamente. A incompreensão de que foi vítima Cesário, já tido no momento da escrita da saudação entre os maiores poetas portugueses, funciona como uma espécie de argumento contrário irrefutável aos que atribuem o qualificador prosaico a Cabral em sentido pejorativo.

Ao relacionar o poeta brasileiro a Cesário Verde, O’Neill antecipa-o poeticamente na criação de um precursor na tradição portuguesa. Cabral custou algum tempo para se reconhecer nessa tradição, considerada por ele muito subjetiva. Só a partir da década de 1960, por meio de um dos poemas críticos da série “O sim contra o sim”, de *Serial* (1961), dedicado a Cesário Verde, e em várias entrevistas, reivindica publicamente sua filiação a Cesário, para ele, o maior poeta português, aquele com quem mais se identifica, por causa da ausência de retórica oca, da visão voltada para a realidade exterior, da poesia objetiva.

Na quarta estrofe, aberta pela adversativa bastante prosaica “porém”, O’Neill, malgrado o sentido pejorativo atribuído a “prosaico”, diz que o adotará para descrever a poesia cabralina, elevando-o a um critério

de valor. Para tal, nessa estrofe e na seguinte, realiza uma assepsia, limpa o termo de sentidos pejorativos para explicar o sentido em que o toma no poema-ensaio. Para isso, vale-se do recurso da subtração (“sem”) e da negação (“não”), que são correntes em Cabral, como se pode ler, por exemplo, em “*A palo seco*” (“Se diz a *palo seco*/ o cante sem guitarra;/ o cante sem”) e no poema IV de *Psicologia da Composição* (“Não a forma encontrada”, “não a forma obtida”).

Cabral também via no prosaico um valor em que se reconhecia e que o distava dos de 45. No ensaio consagrado a essa geração, na qual não vê um denominador comum, salvo o de buscarem todos eles um poeta referencial entre os modernistas, propõe que a delimitação de um território próprio para a poesia, “a valorização do sublime contra o prosaico, do sobre real contra o real, do universal contra o nacional ou o regional, do inefável contra o tangível” (MELO NETO, 2008, p. 731) é uma conquista que os novos poetas retomaram dos poetas de 1930 e desenvolveram, a ponto de ela ser vista, por boa parte da crítica, como tendência caracterizadora da geração. Reitera o poeta ao fim do ensaio a existência, entre os de 45, daqueles que preferem os meios próprios da prosa, entre os quais certamente se inclui, considerando, sobretudo, que o texto, publicado originalmente no *Diário Carioca*, em 1952, foi escrito após a crítica negativa à “poesia dita profunda” do livro de 1947 e depois de o poeta publicar *O Cão sem Plumas*, quando sua poesia se abre à representação crítica de uma prosaica realidade social e regional, numa linguagem igualmente prosaica.

Voltando ao poema de O’Neill, o “prosaico”, na acepção por ele proposta, em lugar de ser uma mera atitude literária, define-se, na sexta estrofe, como “um modo de ser” que antecede o próprio verso e, portanto, diz respeito ao próprio homem que escreve. Essa ideia do estilo como sendo o próprio homem e que remonta à antológica frase do discurso de Buffon (*Le style c’est l’homme même*), não é alheia a Cabral. Nesse sentido, vale lembrar um depoimento, com sabor de anedota, em que o poeta, malgrado sua admiração pelos concretistas, diz nunca ter escrito um poema concreto, como o fez Manuel Bandeira, porque acha “que

ninguém pinta cabelo literariamente” (ATHAYDE, 1998, p. 78). Sendo algo constitutivo do homem e da sua poesia, o estilo prosaico do autor se apresentaria, conforme anunciado no pórtico da saudação, como não passível de imitação.

Ainda que inimitável em seu prosaísmo, Cabral não constitui um caso isolado. Se, na segunda estrofe, foi associado ao seu precursor mais direto na tradição portuguesa, Cesário Verde, na sexta estrofe é relacionado a dois outros poetas da tradição ibérica. Primeiramente, liga-o ao clérigo medieval Gonzalo de Berceo, cujo verso citado por O’Neill serve de epígrafe ao poema *O Rio* (1954). Berceo, juntamente com a tradição poética hispânica, foi sistematicamente lido pelo poeta quando, entre 1947-1950, viveu, como vice-cônsul, em Barcelona, seu primeiro posto diplomático fora do Brasil. Depois, Cabral é associado a um poeta da tradição moderna e modernista lusitana, o heterônimo pessoano Alberto Caeiro, que também reivindica Cesário Verde como um mestre. A associação com Caeiro, independentemente da intenção de O’Neill, soa provocadora, pois se Cabral reverencia Berceo ao valer-se de seus versos como epígrafe de *O rio*, no caso de Fernando Pessoa, a relação faz-se pela negativa. Não obstante o brasileiro apresentar confluências com o modernista português (a centralidade do pensamento, a visualidade e o prosaísmo de Caeiro), a ele faz não poucas restrições e pretere-o a poetas que, apesar de bons, são indubitavelmente de menor relevância que ele⁷.

A “Saudação a João Cabral de Melo Neto”, como visto até aqui, compõe um ensaio construído de modo bastante organizado sobre o estilo prosaico do poeta. Nele, O’Neill limpa o qualificador de um sentido inexato, explica o sentido apropriado para qualificar o poeta e estabelece uma tradição, criando-lhe uma família ibero-americana. Ao proceder dessa forma, segue o procedimento característico de Cabral para ler outros inventores, ou seja, incorpora-lhe o *modus operandi* prosaico ao próprio poema crítico, de que é evidência a presença de um léxico característico

⁷ No trabalho “Fernando Pessoa e João Cabral: leitores de Cesário Verde” examino as relações entre os dois poetas.

da linguagem lógico-discursiva, como “porém” e “exemplo”, criando uma homologia entre o discurso crítico e o seu objeto. O’Neill tinha consciência dessa incorporação, como declara na narrativa citada sobre a gênese da saudação, em que diz que Cabral reconhecerá “uma certa reprodução da sua maneira no poema” (O’NEILL, 1959b).

Entretanto, a oitava estrofe, separada da anterior por um sinal gráfico (X no poema transcrito na carta e * no poema publicado em *Abandono Vigiado*), como a assinalar um tópico novo no poema, quebra essa homologia. Nela, O’Neill, que, seguindo a subjetividade de viés tão característica de Cabral, até então se apresentara por meio de uma voz crítica aparentemente impessoal, marca seu lugar: “Quanto a mim”. Mais do que isso, estabelece a marca da diferença entre o discurso poético descrito à maneira do seu autor e o dele, Alexandre O’Neill.

Apesar da diferença demarcada por O’Neill, sua poesia não prescinde do prosaico, tanto no nível da linguagem quando no da matéria poetizada, e ainda apresenta confluências outras com a de Cabral, como se pode acompanhar no mencionado ensaio de Rosa Martelo.

A diferença enunciada na sétima estrofe quebra também a identificação com o modo crítico preferido por Cabral para ler outros inventores, ou seja, pelo sim, selecionando sobretudo inventores em que se reconhece. Assim, lê-los é um modo de se ler, de inventariar valores que são caros à sua poesia. Em lugar disso, O’Neill realiza a leitura do outro, do diverso, cuja imagem, em lugar de espelho de si, se quer antes uma contra imagem, o que não deixa de ser um modo, ainda que pela oposição, de se retratar.

A despeito de reconhecer que o estilo de Cabral não é o seu, adverte, entretanto, no dístico final: “Ó poeta,/ não é motivo para não o saudar!”.

Os poetas, de um modo geral, não costumam ser capazes de compreensão crítica em relação àqueles com quem não se identificam poeticamente. Inclua-se aí o próprio Cabral, que, não obstante diga estar O’Neill entre os poetas portugueses da sua idade que mais o interessam (ATHAYDE, 1998, p. 141), sobre ele não escreveu um poema-ensaio, como o fez para criadores verdadeiramente de sua predileção, como Miró,

Mondrian, Marianne Moore, Ponge, Cesário Verde, Sophia de Melo Breyner Andresen, Graciliano Ramos, entre tantos outros. É verdade que a O'Neill dedicou o poema "Catar feijão", uma de suas peças mais antológicas, mas não se pode ler uma relação direta entre aquele a quem o poema é dedicado e o modo de escrita cabralino descrito e valorado nesse poema, ou seja, o da escrita deliberadamente difícil, incômoda, construída propositalmente para obstar a leitura flutuante, fluvial.

Eliot, que valorizou essa crítica praticada por poetas, chamando-a "oficial", soube reconhecer-lhe o limite: "Aquilo que não se relaciona com o trabalho do próprio poeta, ou o que lhe é antipático, fica fora da sua competência. Outra limitação da crítica oficial é a de que o juízo do crítico poderá não ser bem formado fora da sua própria arte" (ELIOT, 1962, p. 55).

Sem se restringir a esses limites da crítica praticada por poetas e acima das diferenças poéticas, soube O'Neill ver, admirar e descrever poeticamente o estilo de Cabral. Além disso, foi um dos maiores responsáveis pela divulgação de sua obra, ao selecionar, outro gesto crítico, e publicar os seus *Poemas Escolhidos*, que alargou a difusão bem como a recepção crítica do poeta em Portugal.

POEMAS ESCOLHIDOS E A AMPLIAÇÃO DA RECEPÇÃO CRÍTICA DE JCMN EM PORTUGAL

Os *Poemas Escolhidos* foram publicados pela Editora Portugália, em 1963, na coleção Poetas de Hoje. Se a seleção dos poemas foi feita por Alexandre O'Neill, o prefácio coube a Alexandre Pinheiro Torres, que também teria conhecido Cabral em casa de Sophia Andresen.

Essa antologia forneceu, efetivamente, ao público português, uma amostragem bastante ampla do que o poeta brasileiro havia publicado até então. Nela constam poemas em seleção de *Pedra do Sono* (1942, "A André Masson"), *O Engenheiro* (1945, "As nuvens", "A mulher sentada", "O engenheiro"), *Paisagens com Figuras* (1956, "Medinaceli", "Imagens em Castela", "Vale do Capibaribe", "Cemitérios pernambucanos", "Alguns tourei-

ros”), *Quaderna* (1960, “Cemitério alagoano”, “De um avião”, “Paisagens com cupim”, “A palavra seda”, “A *palo seco*”, “Poema(s) da cabra”) e *Serial* (1961, “Escrito com o corpo”, “O ovo de galinha”, “Graciliano Ramos:”, “Velório de um comendador”, “O alpendre no canavial”), e, na íntegra, os poemas livros *Psicologia da Composição com a Fábula de Anfion e Antiode* (1947), *O Cão sem Plumas* (1950), *O Rio ou a Relação da Viagem que Faz o Capibaribe de sua Nascente à Cidade do Recife* (1954), *Morte e Vida Severina* (1956), *Uma Faca só Lâmina* (1956) e *Dois Parlamentos* (1961).

Em carta de outubro de 1961, O’Neill escreve a Cabral sobre essa antologia:

O projeto da antologia continua de pé – por isso urge que V. faça o favor de mandar quanto antes não só os elementos que nos prometeu (a mim e ao Alex. Pinheiro Torres), como todos os outros que possam ajudar à antologia e ao estudo que deve precedê-la. (O’NEILL, 1961)

Em carta de janeiro de 1962, reclama da falta de notícias de Cabral e reitera a necessidade do envio de elementos a ele e ao Alexandre Pinheiro Torres para a organização da seleta. Na mesma carta, diz ter sido informado por Alberto da Costa e Silva que a Guimarães & Cia havia convidado o diplomata brasileiro a organizar uma antologia de Cabral (O’NEILL, 1962a). Costa e Silva não organizou uma seleta de Cabral, mas, no ano anterior, havia incluído poemas do autor na antologia *A Nova Poesia Brasileira*, a qual traz uma relação de quase cem poetas brasileiros contemporâneos, publicada pelo Escritório de Propaganda e Expansão Comercial do Brasil em Lisboa, com o objetivo de, segundo o Chefe de Escritório, Fanor Cumplido Júnior, na nota de apresentação, “tornar conhecidas em Portugal as novas tendências da poesia brasileira” (SILVA, 1961, p. 7). Na antologia, comparecem “Mulher sentada”, de *O Engenheiro*, *Uma Faca só Lâmina* na íntegra, e “Imitação da água”, de *Quaderna*, todos poemas sobre a figura feminina.

Ainda na carta de janeiro de 1962, O’Neill já traz uma relação de poemas para a coletânea, a qual sofreu reconfigurações, entre elas a inclusão

de “A André Masson”, de *Pedra do Sono*, e “Velório de um comendador”, de *Serial*, por sugestão, ao que se pode inferir por outra carta do organizador de fevereiro do mesmo ano, do próprio Cabral. Nessa mesma carta, anuncia que a antologia vai de “vento em popa”, prevendo para breve sua composição tipográfica. Também manifesta sua hesitação em relação ao título:

Engalinho bastante com o de “Antologia”; não menos com o de “Poemas Escolhidos”; muito mais com o de “Antologia Poética” (seus poemas não são nada poéticos...) “Escolha de Poemas” será rebarbativo? Peço uma sugestão. [...]

(Lembro-me agora que talvez o livro se possa chamar, sem blague, “A Quarta Feira”... Que tal?) (O’NEILL, 1962b)

Na única carta localizada de Cabral a O’Neill, o brasileiro solicita a inclusão de um subtítulo para o poema “Estudos para uma bailadora andaluza”: “TRINI ESPAÑA, DE SEVILHA”, especificação que, não constando em outras edições, seria, segundo o poeta, útil ao leitor português que se interessa por baile espanhol. Na carta, Cabral pergunta também pela definição do título da publicação e pelo recebimento das “coisas” que teria enviado, numa referência, provavelmente, ao material que ficou de mandar para a elaboração da apresentação. Ainda, sugere revisões textuais e orienta que a antologia siga a ordem inversa da publicação dos livros. Essa orientação, entretanto, não foi seguida na versão publicada.

O livro, que saiu com o título *Poemas Escolhidos*, foi impresso apenas em setembro de 1963. Em carta de novembro desse ano, O’Neill escreve a Cabral acusando o recebimento do livro “com uma dedicatória despropositada” (O’NEILL, 1963a), em que se lê: “Ao Alexandre O’Neill, a quem tudo deve este livro, com o abraço do João Cabral de Melo Neto”. Na mesma carta, justifica que “muitas andanças” o alhearam do “destino tipográfico do livro”, diz que o editor “quase o obrigou” a suprimir poemas que considera muito importantes, como “O sim contra o sim”, de *Serial* e, pode-se inferir, o poema “Estudos para uma bailadora andaluza”, mencionado na carta de Cabral. Esclarece também que não pôde vigiar

a ortografia, do que resultou “alguns disparates” de aporuguesamento do português brasileiro do autor, como “suptil” em lugar de “sutil”, em “*A palo seco*”.

Em carta de dezembro de 1963, agradece a Cabral a acolhida numa viagem que fez a Sevilha, e lembra das conversas que tiveram, nas quais muitas coisas teriam lhe caído “como sopa no mel”, entre elas o trabalho para banir a margem de atuação do acaso no processo de criação. Diante do que confessa: “Que tempo tenho perdido em ninharias!”. Junto com a carta, manda-lhe a *Seara Nova*, com a crítica de Eduardo Prado Coelho sobre os *Poemas Escolhidos*⁸, com a seguinte observação: “Como vê, há quem pede mais a si mesmo do que a ‘vaguidão’ que o Simões pede...” (O’NEILL, 1963a).

A resenha aguda de Eduardo Prado Coelho (1963, p. 127), enviada por O’Neill, tem como argumento central o realismo da poesia de João Cabral, um realismo que não se limita ao “plano das intenções”, mas é simultaneamente, na terminologia de Roland Barthes de que se vale o crítico, “ideológico” e “semiológico”, isto é, um “realismo que parte da própria linguagem”. Com isso, Cabral superaria a contradição dos neorealistas ao quererem realizar uma arte inovadora que não passasse por uma atitude de vanguarda em relação à linguagem. Prado Coelho finaliza a resenha destacando o prefácio de Alexandre Pinheiro Torres, que situa a poesia cabralina no contexto histórico brasileiro. Essa contextualização, por meio da qual a poesia de Cabral ganha “uma função diferente”, poderia ferir “certas sensibilidades mais delicadas”.

Entre essas “sensibilidades mais delicadas” estaria certamente, para Prado Coelho, um crítico como o presencista João Gaspar Simões, que, como mencionado, há muito conhecia a poesia de Cabral e sobre ela já se manifestara em dois artigos. Gaspar Simões também publicou uma resenha no *Diário de Notícias*, em janeiro de 1964, a qual, mais do que os *Poemas Escolhidos*, tem no horizonte o prefácio de Alexandre Pinheiro Torres.

⁸ A crítica não acompanha a carta no espólio de João Cabral no Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa.

Nesse prefácio, Pinheiro Torres, na esteira de Josué de Castro e Alceu Amoroso Lima, referências muito provavelmente enviadas a ele pelo próprio poeta, apresenta o pano de fundo social nordestino onde se inscreve a poesia de João Cabral. Em seguida, comenta os poemas sobre o Nordeste e sobre a Espanha, país no qual o poeta projeta a paisagem física e humana da sua região brasileira. Na sequência, comenta a poética cabralina, destacando a despoetização da realidade, o banimento do mistério e da metafísica, a secura da linguagem, o poema como artesanato e a valorização do concreto. Por fim, apresenta uma tese para a interpretação da poesia do prefaciado, distando-se de Luiz Costa Lima e José Guilherme Merquior – referências também provavelmente enviadas ao prefaciador pelo próprio poeta – segundo os quais Cabral “teria empreendido a abordagem do homem e das coisas, armado do instrumento da ‘redução fenomenológica’ husserliana” (TORRES, 1963, p. XXXI). Para Pinheiro Torres, a descrição das coisas em Cabral mostra que entre os homens e as coisas há distância, que pode ser vencida por meio de uma descrição minuciosa, que bane o mistério. Com isso, termina por aproximar o poeta brasileiro de Robbe-Grillet e Francis Ponge, indagando, ao fim do prefácio, se neles a arte não derivaria de uma posição contra a metafísica em literatura.

Provavelmente, Pinheiro Torres reconsiderou a sua tese interpretativa da poesia cabralina apresentada ao final do estudo, pois a retira do texto quando de sua republicação na *Antologia da Poesia Brasileira*, de 1984.

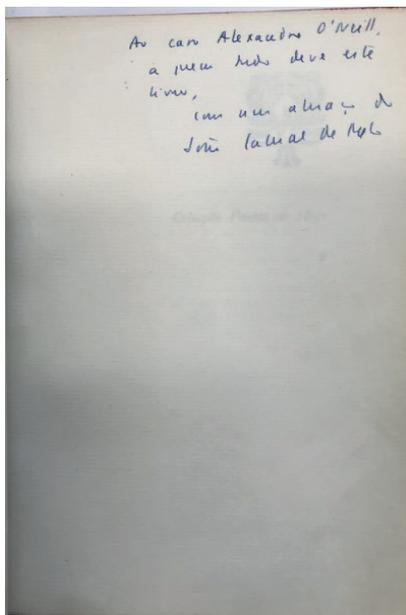
Em carta de 29 de agosto de 1962, Pinheiro Torres escreve a Cabral dizendo que o prefácio está se arrastando e que pretende enviá-lo à apreciação prévia do poeta quando estiver pronto. Como não conseguimos ter acesso às cartas de Cabral enviadas ao prefaciador, malgrado pesquisas em espólios de Pinheiro Torres e consulta junto a familiares, incluindo o filho do crítico, que vive na Inglaterra, não sabemos se houve o envio desse paratexto para apreciação efetiva do prefaciado e qual teria sido a recepção deste.

A apreciação de Gaspar Simões sobre o estudo do neorrealista Alexandre Pinheiro Torres, como seria de se esperar de um crítico orientado pelo cânone presencista, foi pelo não. Em síntese, diz que: a poesia despoetizada que Pinheiro Torres aponta em Cabral é característica da crítica alistada, de que o prefaciador seria um dos mais intransigentes; o crítico está a atribuir ao poeta atributos que convém à tese dialética; a coleção Poetas de Hoje, na qual foram publicados *Poemas Escolhidos*, é “quartel general da crítica alistada” (SIMÕES, 1964, p. 15); é a partir de *O Rio* que se sustenta a tese realista de Pinheiro Torres, ao passo que, para ele, Gaspar Simões, a poesia cabralina, a partir dessa obra, “força o seu gênio e programatiza a sua poética” (SIMÕES, 1964, p. 16); o prefaciador esquece o poeta estudado para traçar o quadro da realidade social nordestina; vê uma contradição na tese proposta ao final do estudo de Pinheiro Torres, quando este aproxima Cabral de Robbe Gillet, pois o autor de *La Jalousie* e seus pares seriam, para o realismo social mais ortodoxo, um formalismo; reivindica uma filiação de Cabral a Mário Saa, colaborador da *presença*, o qual, como Cesário Verde, “não retira à realidade e às coisas o seu ‘espírito secreto’” (SIMÕES, 1964, p. 16).

Outra crítica digna de nota saída por ocasião dos *Poemas Escolhidos* é a de Óscar Lopes. Publicada originalmente em *O Comércio do Porto*, em dezembro de 1963, é uma leitura sofisticada, que também não vê relação entre o descritivismo visual do “romance do olhar” à Robbe Gillet e a intimação do visível e tangível em Cabral, sendo aquele metafísico e esta dialética. Entretanto, o que interessa destacar é o entusiasmo confesso com que o crítico abre o estudo e que é exemplar do efeito causado pelo poeta sobre os leitores portugueses de então, mesmo entre os mais exigentes:

Em doze anos de crítica literária regular, raras vezes me tenho entusiasmado deveras [...] raramente me entreguei a uma curiosidade ininterrupta, a pular por todos os cantos de uma obra recém-lida. E foi o que aconteceu agora ao completar a leitura de conjunto (embora em simples antologia) da obra do poeta brasileiro João Cabral de Melo Neto. (LOPES, 1963, p. 6)

Em que pesem as dissensões críticas entre os resenhistas de *Poemas Escolhidos*, interessa destacar que a publicação desse livro expandiu a recepção crítica de Cabral em Portugal. Além da apresentação do neorrealista Alexandre Pinheiro Torres, suscitou várias resenhas, entre as quais, como destacado, a de João Gaspar Simões (1964), já conhecido leitor português de João Cabral, e duas outras de críticos que ainda não haviam se manifestado sobre o poeta, como é o caso da de Óscar Lopes (1963), que se tornaria um dos mais agudos críticos do poeta, tendo sido convidado a escrever a apresentação da sua poesia completa, publicada em 1986 pela imprensa Nacional/Casa da Moeda, e do então jovem Eduardo Prado Coelho (1963), autor ainda de um ensaio de fôlego sobre *A Educação pela Pedra*⁹.



Capa e página dedicada de *Poemas Escolhidos* (1963)
Biblioteca Municipal Alexandre O'Neill, Constância, Portugal

⁹ Carlos Loures, que, entre 1964 e 1966, teve a seu cargo a secção de crítica de poesia do *Jornal de Notícias*, ainda publicou, em 1966, uma resenha sobre *Poemas Escolhidos*.

PRESENÇA DE CABRAL EM CRÔNICAS DE O'NEILL

As relações entre João Cabral e Alexandre O'Neill não se esgotaram com os *Poemas Escolhidos*. O diálogo epistolar entre eles vai até 1966, data da última carta encontrada de O'Neill. Cabral continua a enviar seus livros ao confrade português. Na cabralina de Alexandre O'Neill, que se encontra na Biblioteca Municipal Alexandre O'Neill, em Constância, além de *Quaderna* e dos *Poemas Escolhidos*, há exemplares, em primeiras edições, dos seguintes livros: *Terceira Feira* (1961), *Dois Parlamentos* (1960), *A Educação pela Pedra* (1966), *A Escola das Facas* (1980), *Auto do Frade*¹⁰ (1984), *Museu de Tudo* (1975). Salvo *Quaderna* e *A Escola das Facas*, todos os exemplares são dedicados. Alexandre O'Neill, que faleceu em 1986, esteve presente, em 1982, no lançamento das *Poesias Completas* de Cabral, na livraria Leitura, do Porto.



Alexandre O'Neill e João Cabral quando do lançamento de *Poesias Completas* (1951-1981), de Cabral, na Livraria Leitura, no Porto, em 1982

¹⁰ No acervo de O'Neill, há tanto a primeira edição de *Auto do Frade*, pela José Olympio, quanto a segunda, saída também em 1984 pela Nova Fronteira, sendo esta acompanhada de uma dedicatória com a localização e o ano: "Porto, 1984".

Além disso, O'Neill continuou ainda como um promotor de Cabral em Portugal e tendo-o como uma importante referência leitora. Em carta de dezembro de 1963, manifesta, muito antes de isso se dar, de forma bastante incompleta, no Brasil, um interesse de organizar uma edição portuguesa da prosa de Cabral: "Gostaria que me dissesse sobre a possibilidade de edição portuguesa das suas prosas" (O'NEILL, 1963c). O'Neill não chegou a editar a prosa de Cabral em livro, mas foi o responsável pela publicação, em dezembro de 1975, no n. 2 da *Critério, Revista Mensal de Cultura*, dirigida por ele e João Palma-Ferreira, do ensaio "Poesia e composição".

Em carta de março de 1964, escreve:

Ainda outro dia estava a relê-lo metodicamente e mais uma vez fiquei pasmado com que aconteceu à sua linguagem. A verdade é que você liquidou, a certa altura, a "preciosa personalidade" – o que o Drummond tentou (?) mas nunca conseguiu – e com essa higiênica liquidação claro que a linguagem acabara por se esclarecer e concretizar. (O'NEILL, 1964)

Cabral permanece como poeta exemplar em diversas referências do confrade português.

Na crônica "Recordando Antonio Machado", publicada em *Uma Coisa em Forma de Assim*, a evocação de Cabral é anedótica:

Lembro-me do que me disse, certa vez, João Cabral de Melo Neto, com alguma razão, acerca da poesia lorquiana: "É pena que os poemas de Lorca terminem sempre em beleza..." Inventei, na hora, uma graça: "A Andaluzia é uma terra onde as pessoas se mostram só de perfil..." Estava eu a pensar, obviamente, naquele cigano com perfil de "mulo joven" que Federico sensualmente fixou num dos seus poemas. (O'NEILL, 1980)

Na crônica "Nem à frente, nem atrás(i)s", sobre Chico Buarque, publicada originalmente no *J.L.* em 1981 e, depois, reunida em *Já Cá não Estão Quem Falou* (2008), Cabral protagoniza uma anedota ocorrida em Lisboa por ocasião da representação de *Morte e Vida Severina* pelo TUCA:

O Xico [sic] nem precisa de letristas. Faz ele próprio. Mas tem graça que da primeira vez que o vi (tão menino ainda!) a “letra” era do poeta João Cabral de Melo Neto. Produzia-se *Morte e Vida Severina* no Teatro Avenida. Xico, autor da música, vinha integrado no TUCA (Teatro Universitário da Universidade Católica de S. Paulo) e também representava. João Cabral, que ocorrera propositadamente de Sevilha ou de Marselha para assistir (ver e dar assistência), estava sentado a meu lado. Creio que estava a redescobrir o seu texto (pelo qual não devia já nutrir grande admiração, perfeccionista como é...) Quando, no final, os aplausos explodiram e começaram a chamar o autor ao palco, João, sem se virar, cada vez mais enterrado na cadeira, ia-me dizendo, apavorado: “Não olhe para mim! Não olhe para mim!” Acabou por ter de ser. João Cabral foi coxia abaixo, pôs a mão no bordo da ribalta e com agilidade saltou para o palco. Abraços, agradecimento ao público pela sua estrondosa ovação: João Cabral volta ao seu lugar. Digo-lhe: “V. Saltou com uma facilidade!” E ele, com orgulho de rapazinho: “V. Esquece que eu joguei futebol!””

Na “Homenagem a Miguel Torga”, proferida originalmente na Fundação Calouste Gulbenkian, em 1978, no âmbito das comemorações aos 50 anos de vida literária do homenageado, e, mais tarde, editada em *Já Cá Não Está Quem Falou*, com alterações e supressões, elege *O Cão Sem Plumas* como um desses poemas cujo “caráter de absoluta necessidade que revestem faz deles poemas únicos nas obras dos poetas que os criaram”.

O papel de Alexandre O’Neill como leitor e difusor da poesia brasileira não se esgota com o caso João Cabral de Melo Neto e é um capítulo que ainda precisa ser escrito na história das interlocuções poéticas Brasil-Portugal no século XX.

ALEXANDRE O’NEILL: READER AND DISSEMINATOR OF JOÃO CABRAL IN PORTUGAL

ABSTRACT

In the 1960s, in Portugal, João Cabral’s poetry became known to a broader reading audience, and his critical reception increased. In this process, the publication of

Quaderna (1960) and *Poemas Escolhidos* (1963) is of great importance, as is the later staging of *Morte e Vida Severina* in Lisbon, Porto, and Coimbra by the Teatro da Universidade Católica de São Paulo (TUCA). Still in the 1960s, Cabral seems to impact other poets and creators of interest, signaling an exemplary creative path. Considering primarily this period, I propose to follow Alexandre O'Neill's role as a reader and disseminator of João Cabral in Portugal.

KEYWORDS: João Cabral de Melo Neto. Alexandre O'Neill. Portuguese reception.

ALEXANDRE O'NEILL: LECTOR Y DIVULGADOR DE JOÃO CABRAL EN PORTUGAL

RESUMEN

En la década de 1960, en Portugal, un público lector más numeroso conocerá la poesía de João Cabral y su recepción crítica se ampliará. En ese proceso, son importantes las publicaciones de *Quaderna* (1960) y de *Poemas Escolhidos* (1963) y, posteriormente, la puesta en escena, en Lisboa, Porto y Coimbra, de *Morte e Vida Severina* por el grupo de Teatro de la Universidad Católica de São Paulo, TUCA. También en los años 1960, Cabral parece impactar otros poetas y creadores de interés, al señalar un camino creativo ejemplar. Al considerar prioritariamente ese período, propongo acompañar el rol de Alexandre O'Neill como lector y difusor de João Cabral en Portugal.

PALABRAS CLAVE: João Cabral de Melo Neto. Alexandre O'Neill. Recepción portuguesa

REFERÊNCIAS

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. [Correspondência] Destinatário: João Cabral de Melo Neto. Lisboa, [1958] (Arquivo Literário de João Cabral de Melo Neto. Fundação Casa de Rui Barbosa).

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. Ganhadora do Prémio Camões, Sophia de Mello Breyner fala de seus métodos e dos encontros com autores brasileiros. [Entrevista a João Almino]. *Folha de S. Paulo*, 26 set. 1999. Poesia. A literatura da cisma.

ATHAYDE, Félix de (compilação, seleção e prefácio). *Ideias fixas de João Cabral de Melo Neto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: FBN; Mogi das Cruzes, SP: Universidade de Mogi das Cruzes, 1998.

COELHO, Eduardo Prado. João Cabral de Melo Neto, “Poemas escolhidos”. *Seara Nova*, Lisboa, dez. 1963, p. 227. Livros.

COLÓQUIO/LETRAS, Paisagem tipográfica: homenagem a João Cabral de Melo Neto, n. 157/158, jul./dez. 2000.

CUNHA, Carlos. “Quaderna”, João Cabral de Melo Neto. *Diário Ilustrado*, Lisboa, 14 jul. 1960, p. 14-15. O livro da semana

ELIOT, T. S. *Ensaio de doutrina crítica*. Traduzidos com a colaboração de Fernando de Mello Moser. Lisboa: Guimarães, 1962.

FIUZA, Solange [Cardoso Yokozawa] Fernando Pessoa e João Cabral: leitores de Cesário Verde. In: MAIOR, Dionísio Vila; RITA, Annabela (Org.). *100Orpheu*. Viseu: Edições Esgotadas, 2016, p. 725-738.

FIUZA, Solange. Uma obsessão leitora. *Remate de Males*, v. 39, p. 278-300, 2019.

FIUZA, Solange; SARAIVA, Arnaldo. *Correspondência João Cabral-Aberto de Serpa*. Cotia, SP: Ateliê (no prelo).

LOPES, Óscar. João Cabral de Melo Neto, poesias escolhidas. *O Comércio do Porto*, p. 6, 10 dez. 1963. Cultura e arte. A crítica do livro.

LOURES, Carlos. “Poemas escolhidos” de João Cabral de Melo Neto. *Jornal de Notícias*, Porto, 10 fev. 1966, p. 19.

MARTELO, Rosa Maria. O efeito João Cabral na poesia portuguesa. *Texto Poético*, v. 14, n. 25, 2018, p. 304-318.

MEIRIM, Joana (Edição, organização e introdução). *Diz-lhe que estás ocupado: conversas com Alexandre O’Neill*. Lisboa: Tinta da China, 2021.

MELO NETO, João Cabral. *Quaderna*. Lisboa: Guimarães Editores, 1960.

MELO NETO, João Cabral. [Correspondência] Destinatário: Alexandre O’Neill. Madrid, 5 de abril de 1962 (Carta sob a guarda de Maria Antónia Oliveira, que dela gentilmente me enviou uma cópia digitalizada).

MELO NETO, João Cabral. *Poemas escolhidos*. Seleção de Alexandre O’Neill e prefácio de Alexandre Pinheiro Torres. Lisboa: Portugália, 1963.

MELO NETO, João Cabral de. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.

OLIVIERA, Maria Antónia. *Alexandre O'Neill: uma biografia literária*. Lisboa: Dom Quixote, 2007.

O'NEILL, Alexandre. [Correspondência] Destinatário: João Cabral de Melo Neto. Lisboa, 14 de setembro de 1959a (Arquivo Literário de João Cabral de Melo Neto. Fundação Casa de Rui Barbosa).

O'NEILL, Alexandre. [Correspondência] Destinatário: João Cabral de Melo Neto. Lisboa, 30 de outubro de 1959b (Arquivo Literário de João Cabral de Melo Neto. Fundação Casa de Rui Barbosa).

O'NEILL, Alexandre. [Correspondência] Destinatário: João Cabral de Melo Neto [1960a] (Arquivo Literário de João Cabral de Melo Neto. Fundação Casa de Rui Barbosa).

O'NEILL, Alexandre. *Abandono vigiado*. Lisboa: Guimarães, 1960b.

O'NEILL, Alexandre. [Correspondência] Destinatário: João Cabral de Melo Neto. 9 de agosto de 1961 (Arquivo Literário de João Cabral de Melo Neto. Fundação Casa de Rui Barbosa).

O'NEILL, Alexandre. [Correspondência] Destinatário: João Cabral de Melo Neto. 28 de janeiro de 1962a (Arquivo Literário de João Cabral de Melo Neto. Fundação Casa de Rui Barbosa).

O'NEILL, Alexandre. [Correspondência] Destinatário: João Cabral de Melo Neto. 16 de fevereiro de 1962b (Arquivo Literário de João Cabral de Melo Neto. Fundação Casa de Rui Barbosa).

O'NEILL, Alexandre. [Correspondência] Destinatário: João Cabral de Melo Neto. 17 de novembro de 1963a (Arquivo Literário de João Cabral de Melo Neto. Fundação Casa de Rui Barbosa).

O'NEILL, Alexandre. [Correspondência] Destinatário: João Cabral de Melo Neto. 4 de dezembro de 1963b (Arquivo Literário de João Cabral de Melo Neto. Fundação Casa de Rui Barbosa).

O'NEILL, Alexandre. [Correspondência] Destinatário: João Cabral de Melo Neto. 13 de dezembro de 1963c (Arquivo Literário de João Cabral de Melo Neto. Fundação Casa de Rui Barbosa).

O'NEILL, Alexandre. [Correspondência] Destinatário: João Cabral de Melo Neto. 8 de março de 1964 (Arquivo Literário de João Cabral de Melo Neto. Fundação Casa de Rui Barbosa).

O'NEILL, Alexandre. *Uma coisa em forma de assim*. Lisboa: Edic, 1980

O'NEILL, Alexandre. *Já cá não está quem falou*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2008.

SARAIVA, Arnaldo. *Dar a ver e a se ver no extremo: o poeta e a poesia de João Cabral de Melo Neto*. Porto: CITCEM, Edições Afrontamento, 2014

SILVA, Alberto da Costa (Org.). *A nova poesia brasileira*. Lisboa: Escritório de Propaganda e Expansão Comercial do Brasil em Lisboa, 1960.

SIMÕES, João Gaspar. A poesia, essa estranha invenção. *Letras e Artes*: suplemento de *A Manhã*, Rio de Janeiro, ano 4, n. 185, 19 nov.1950, p. 1 e 10.

SIMÕES, João Gaspar. “Quaderna” e “Duas águas”; poemas reunidos, por João Cabral de Melo Neto. *Diário de Notícias*, Lisboa, p. 15 e p. 19, 9 jun. 1960. Crítica literária.

SIMÕES, João Gaspar. *Poemas escolhidos*, por João Cabral de Melo Neto. *Diário de Notícias*, Lisboa, p. 15-16, 1 jan. 1964. Crítica Literária.

TORRES, Alexandre Pinheiro. *Antologia da poesia brasileira (de Padre Anchieta a João Cabral de Melo Neto)*: os modernistas. Porto: Lello & irmãos, 1984. vol. III

Submetido em 15 de março de 2023

Aceito em 17 de abril de 2023

Publicado em 28 de maio de 2023
